

# História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

**Aline Ferreira Antunes**  
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela  
coexistência de múltiplas culturas. Essa  
variedade é muito importante, pois  
observando as práticas e tradições de  
outros povos somos levados a refletir  
sobre a *coletividade* à qual pertencemos.  
Atenas, será que são gratuitas as diferentes  
formas de organizar a vida social, de  
conceber e expressar a realidade?

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

**Aline Ferreira Antunes**  
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela  
coexistência de múltiplas culturas. Essa  
variedade é muito importante, pois  
observando as práticas e tradições de  
outros povos somos levados a refletir  
sobre a *coletividade* à qual pertencemos.  
Atena, será que são gratuitas as diferentes  
formas de organizar a vida social, de  
conceber e expressar a realidade?

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

## **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

## **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## História: sujeitos, teorias e temporalidades 2

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Vanessa Mottin de Oliveira Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Aline Ferreira Antunes

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: sujeitos, teorias e temporalidades 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-967-7

DOI 10.22533/at.ed.677211904

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Mais uma obra organizada pela Atena Editora centrada nas produções científicas historiográficas do Brasil e do mundo. Por conter capítulos em língua estrangeira, a obra foi dividida entre pesquisas brasileiras e pesquisas internacionais.

As pesquisas giram em torno dos mais diversos temas, com recortes teóricos, metodológicos, espaciais e temporais amplos: desde questões relacionadas ao medievo, à capítulos sobre terras indígenas e os conflitos aí presentes. São trabalhos sobre composições arquitetônicas, conflitos no Brasil (sobre demarcações de terras indígenas, sobre a construção da hidrelétrica do São Francisco, por exemplo), sobre cultura material e imaterial. Além de abordagens sobre memória, identidade, imaginário, história oral, museus, tecnologia e ciência.

Nesta obra somos apresentadas/os a termos como *queenship*, SAT e estudo sobre a tradição Védica.

Convido vocês a começarem pela leitura de “*Odeio Paulo Freire e aquele seu conceito humanista*”, de Antônio Carlos da Rocha, um capítulo que pode despertar um receio pelo título, porém, que trata dos recentes discursos de ódio presentes na sociedade brasileira, proferidos contra profissionais da educação, sobretudo atacando o patrono da educação: Paulo Freire. Começar uma obra com este capítulo é nos colocar política e socialmente contra tais discursos e reafirmar o papel da ciência e importância de estudos como os aqui presentes.

Para além de pesquisas relacionadas à educação e aos demais temas já previamente citados, você também encontra na segunda parte da obra capítulos em espanhol sobre comércio local e disputas urbanas.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes  
Brasília, março de 2021

## SUMÁRIO

### PARTE I: PESQUISAS BRASILEIRAS

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ODEIO PAULO FREIRE E AQUELE SEU CONCEITO HUMANISTA <i>Antônio Carlos da Rocha</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS CONVERGÊNCIAS ENTRE ARTE COMO IDEIA, INTERDISCIPLINARIDADE E AS NOVAS TECNOLOGIAS <i>Italo Bruno Alves</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>19</b>
A INTERDISCIPLINARIDADE E A LÓGICA DIFUSA <i>Maria Cristina de Oliveira Cardoso</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>28</b>
BELEZA QUE INSPIRA E ORNAMENTA (1927-1929): O GÊNERO FEMININO NO PROGRESSO RIO-PRETENSE <i>Vinicius Silva</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>39</b>
DA CAATINGA AO SERINGAL: LINGUAGEM, PODER, E PROPAGANDA NO ADVENTO DA BATALHA DA BORRACHA (1942-1945) <i>Francisco Marquelineo Santana</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>47</b>
COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA DE RAPHAEL ARCURI DE 1913 A 1930: ESTUDOS DOS ELEMENTOS DO ART NOUVEAU NA ARQUITETURA ECLÉTICA DE RAPHAEL ARCURI EM JUIZ DE FORA <i>Jonas Tadeu Ferreira</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>59</b>
USO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA E IMAGENS AÉREAS NA CARACTERIZAÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL DE PARATY, BRASIL, NOS SÉCULOS XX E XXI <i>Rodrigo Zambrotti Pinaud</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119047	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
ALIANZAS COMUNITARIAS Y ECOLÓGICAS DE PAZ EN PUEBLO BELLO, TURBO	
Carlos Alberto Builes Tobón	
María Eulalia García Marín	
Samir Ahmed Dasuky Quiceno	
Polina Golovátina-Mora	
Yesenia Luna Oviedo	
Denisse Roca-Servat	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6772119048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>92</b>
CONFLITOS INTERNOS: DESDOBRAMENTOS SOCIAIS NA CIDADE DE PIRANHAS/AL EM DETRIMENTO DA INTERVENÇÃO DA CHESF (1980/2000)	
Monielly Suelen Gomes Barboza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6772119049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>101</b>
INVENTÁRIO DA CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DOS IMIGRANTES ITALIANOS NA ANTIGA COLÔNIA PAIOL GRANDE – RS	
Graziela Vitória Donin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>116</b>
DELEUZE, FILOSOFIA E ARTE	
Ana Beatriz Rodrigues de Britto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>130</b>
DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E A PERCEPÇÃO DO POVO PURUBORÁ	
José Joaci Barboza	
Adriane Pesovento	
Gisele de Oliveira Montanha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>147</b>
DOWN HOUSE, A CASA DE CHARLES DARWIN: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DAS CASAS-MUSEUS	
Sílvia Sobral Costa	
João Bosco Ferreira Brandão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>165</b>
NOTAS HISTÓRICAS DO DISTRITO DE MARRECA, NO CEARÁ: DOS ÍNDIOS JUCÁS AO CAFÉ DAS PRIMAS	
João Alcimo Viana Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190414</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>178</b>
“DECAÍDAS”, “EMBRIAGADAS” E “RAIVOSAS”: A REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUTA NA CIDADE DE SALVADOR (1960- 1978)	
Amanda Santos da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>189</b>
VIDA, NATUREZA, LITERATURA E LÍNGUAS AMERICANAS NA REFLEXÃO DE JOSÉ DE ALENCAR	
Valdeci Rezende Borges	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>199</b>
DUAS HISTÓRIAS DE HARDWARE E SOFTWARE COMO SUPORTE AO DESENVOLVIMENTO DA COMPUTAÇÃO BRASILEIRA	
Marcia de Oliveira Cardoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>211</b>
HISTÓRIA DA CIÊNCIA MEDIEVAL EM PERSPECTIVA - A CONTINUIDADE EM EDWARD GRANT	
Luiz Cambraia Karat Gouvêa da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>220</b>
<i>QUEENSHIP</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE UM CONCEITO	
Danielle de Oliveira dos Santos-Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>232</b>
SAT: DA REALIDADE	
Alina Silva Sousa de Miranda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>241</b>
VESTUÁRIO E GÊNERO: NOTAS SOBRE BINARIDADE NA HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA	
Valdecir Babinski Júnior	
Daiane Evangelista Vieira de Matos	
Lino Gabriel Nascimento dos Santos	
Camila Leithold	
Helena Kappaun	
Lua Pessatto da Silva Burtet	
Sabrina Lopes Bueno	
Vitória Baratto Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190421</b>	

<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>254</b>
AS REPRESENTAÇÕES DA AMÉRICA NO PERIÓDICO O UNIVERSAL, 1825-1842	
João Eduardo Jardim Filho	
DOI 10.22533/at.ed.67721190422	
<b>PARTE II: PESQUISAS ESTRANGEIRAS</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>268</b>
EL FRISO DEL COMERCIO LOCAL	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Pau de Solà-Morales	
DOI 10.22533/at.ed.67721190423	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>288</b>
LA CIUDAD IDEAL VS. LA CRÓNICA URBANA	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Anna Royo Bareng	
DOI 10.22533/at.ed.67721190424	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>307</b>
LOS IDEALES DE COMODIDAD Y ASPECTO PÚBLICO EN EL URBANISMO ILUSTRADO ESPAÑOL E HISPANOAMERICANO	
Ricardo Anguita Cantero	
DOI 10.22533/at.ed.67721190425	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>317</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>318</b>

## “DECAÍDAS”, “EMBRIAGADAS” E “RAIVOSAS”: A REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUTA NA CIDADE DE SALVADOR (1960- 1978)

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 10/03/2021

**Amanda Santos da Silva**

Graduanda do curso de Licenciatura em  
História

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
Salvador – Bahia

<http://lattes.cnpq.br/6113019447366193>

A presente publicação tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal. #premiofundacaopedrocalmon; #leialdirblancbahia; #programaaidirblancbahia.

**RESUMO:** O presente artigo é uma adaptação do trabalho monográfico defendido em 2019 na Universidade do Estado da Bahia, sob orientação da Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>.Neivalda Freitas de Oliveira e se interessa por compreender as representações das meretrizes na cidade de Salvador entre os anos de 1960 a 1978. Nesse sentido, cabe problematizar as formas de prostituição nas regiões pobres da cidade, recorrendo aos registros da Delegacia Especializada em Jogos e Costumes, à documentação produzida pela Pastoral da Mulher Marginalizada e pela Fundação do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia. As representações nas fontes policiais e nos relatórios analisados descrevem meretrizes

ora raivosas e insolentes, ora ocupantes de espaços insalubres necessitadas de um resgate. Nesse caminho, compreende-se que o lugar social criado e imposto às chamadas “mundanas” é um elemento preponderante na construção do imaginário da sociedade, por estar inserido na dinâmica do baixo meretrício. Na contramarcha da invisibilização de suas trajetórias, o silêncio das fontes permitiu invocar mulheres insurgentes com mecanismos de resistência em suas relações de sociabilidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prostitutas, representação, Salvador.

**ABSTRACT:** This article is an adaptation of the monographic work defended in 2019 at the State University of Bahia, under the guidance of Prof. Dr. Neivalda Freitas de Oliveira and is interested in understanding the representations of harlots in the city of Salvador between the 1960s to 1978. In this sense, it is necessary to problematize the forms of prostitution in the poor regions of the city, using the records of the Specialized Police in Games and Customs, the documentation produced by the Pastoral da Mulher Marginalizada and by the Foundation for Cultural Artistic Heritage of Bahia. The representations in the police sources and in the reports analyzed describe harlots who are sometimes angry and insolent, sometimes occupants of unhealthy spaces in need of rescue. In this way, it is understood that the social place created and imposed on the so-called “mundane” is a preponderant element in the construction of society’s imagery, as it is inserted in the dynamics of low meretrício. In the counter-march of the invisibility of their trajectories, the silence of the

sources made it possible to invoke insurgent women with mechanisms of resistance in their relations of sociability.

**KEYWORDS:** Prostitutes, representation, Salvador.

## 1 | INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é compreender as dinâmicas do baixo meretrício na cidade de Salvador durante segunda metade do século XX, na região conhecida como Maciel, localizada no Centro Histórico, Pelourinho. É necessário recorrer a documentações policiais e institucionais que compreendiam a dinâmica do comércio sexual pobre de maneira variada, criando assim representações dessas mulheres e seu modo de viver. Nesse sentido, argumenta-se que essas construções imagéticas necessariamente não representavam as dinâmicas cotidianas das prostitutas e a comunidade as quais elas faziam parte. Desse modo, intenciona-se uma leitura a contrapelo interessada em descortinar as relações de sociabilidades e resistências.

A pesquisa *Condições de vida dos moradores do Maciel*, produzida em 1982, pela Pastoral da Mulher Marginalizada em Salvador (PMM), apresentou dados importantes para o trabalho. Ao analisar a prostituição pobre na região do Centro Histórico, a Pastoral recorreu a diversos aspectos sociais e morais para caracterizar o baixo meretrício e entender seus mecanismos de funcionamento, sendo constante no corpo do relatório a associação aos espaços insalubres, à precária condição das moradias e ao tipo de cliente que recorria a tal serviço. Aquele documento auxiliou na identificação de alguns dos elementos que reforçavam a representação marginalizada das mulheres classificadas nas anotações como meretriz de “3ª classe”.

A prostituição de “mangue”, base da cadeia hierárquica do universo prostitucional, é uma categoria de comércio sexual associada à prostituta pobre, que oferta serviços sexuais ao cliente assalariado, geralmente instalada próximo à zona de comércio da cidade. Para além das relações carnavais, a documentação estudada demonstrava ser comum a criação de laços afetivos, compartilhamento de segredos, anseios e problemas com clientes integrantes da classe trabalhadora<sup>1</sup>. Esse tipo de freguês descrito por Gabriela Leite (2009) como “homens brasileiros de todas as regiões do país que lutavam para sobreviver<sup>2</sup>”, faziam parte de uma dinâmica social que não permitia o acesso ou aceitação no alto meretrício, forma de prostituição mais sofisticada, normalmente disfarçada com atividades socialmente aceitas, encravada em um nível social e econômico que a isenta de preconceitos e discriminações.

Experiências incomuns no baixo meretrício, simbolizado pela oferta de sexo explícito, composto por mulheres de baixa renda, propondo prazer a preços cômodos,

1. PMM. **Pesquisa sobre a condição de vida dos moradores do Maciel**. Salvador, junho de 1982, p. 11.

2. LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta**: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 103.

características que permitiam homens menos favorecidos financeiramente satisfazerem desejos (in) contidos, mas também de violentá-las<sup>3</sup>.

A “zona proibida” de Salvador era diferente da Vila Mimoza, região também de baixo meretrício no Rio de Janeiro, a qual Leite (2009) descreve como uma área da cidade que não demandava uma obrigatoriedade de trânsito, pois, conforme a descrição da autora, a Vila ficava:

No entorno onde havia um monte de casas quase desabando, uma estação de metrô [...] e um terreno baldio no meio [...]. Em uma rua de terra, onde havia uma única casa e mato dos dois lados. De repente, surgiu um outro mundo. Uma rua pequena e estreita com muitas casas velhas dos dois lados<sup>4</sup>.

Por sua vez, a “zona proibida” soteropolitana estava em uma região que conectava a cidade baixa à cidade alta, ligada pela Baixa do Sapateiro. Localidade da capital conhecida ainda nos dias atuais pelo seu número de lojas e comerciantes, mas também por ser uma área, no período estudado, de forte atuação do meretrício, ambiente de grande circulação, ora de clientes, ora de trabalhadores. Essa alta rotatividade garantia certa invisibilidade das identidades, ao passo que era uma área de curso e vazante de difícil identificação dos “peixinhos” ou dos “amigos nossos<sup>5</sup>”, pois a condição de passagem além de fornecer uma gama de possíveis fregueses, tinha o poder de manter o anonimato dessas relações.

A precária estrutura física era um dos fatores que atenuavam a condição de “prostituição de mangue”. Segundo o relatório, as oito ruas correspondentes à região do Maciel eram a representação da miserabilidade e falta de higienização com “casas em ruínas, várias delas transformadas em depósito de lixo, casas que se arruinaram e desabaram<sup>6</sup>”. Esse cenário insalubre é ilustrado com a descrição do modelo de moradia comum na região, as casas de cômodos:

As condições habitacionais são muito precárias [...] A umidade constante nos prédios associadas a falta de higiene são responsáveis pelo alto índice de doenças infecto-contagiosas (estimasse que 80% dos moradores são tuberculosos). [...] Nos prédios cada andar possui um banheiro com sanitário, 1 lâmpada serve para 2 quartos que na sua maioria não possui janelas<sup>7</sup>.

Parte dessa descrição está imersa na missão da Pastoral da Mulher Marginalizada que trabalha com a ideia de “resgate” a mulheres em situação de prostituição, pressupondo uma realidade composta apenas de caos. De outro modo, apresenta o imaginário social do período, que compreende o âmbito do baixo meretrício enquanto “lodo<sup>8</sup>”. Recorre-se a argumentos como a precariedade da estrutura física, depreciação das meretrizes e de seus

3. ESPINHEIRA, Gey. **Divergência e Prostituição**: uma análise sociológica da Comunidade Prostitucional do Maciel. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984, p. 47.

4. LEITE, Op. cit., p. 106.

5. Apelidos atribuídos aos clientes.

6. PMM, Op. cit., p. 09.

7. PMM, Op. cit., p. 09.

8. Grifo nosso.

clientes, os quais, segundo Jeferson Bacelar (1982), eram também alvo de estigma, pois ao frequentar uma região representada pela “sujeira”, “miséria” e “perigo” esses homens também eram desabonados por manterem relações com as prostitutas pobres. Ainda que suas identidades fossem anônimas devido à condição de rotatividade da região onde a “zona” se localizava<sup>9</sup>.

Nesse contexto de precariedade da estrutura física, iniciaram-se as reformas arquitetônicas e sociais com a chegada, em 1967, da Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, atual IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia). Ao propor naquele período a reestruturação da região, o órgão público iniciou o afastamento das prostitutas do Largo do Pelourinho, parte principal da reforma correspondente ao Projeto Piloto. Oriundo desse planejamento maior, foi criado o “*Pelourinho: Projeto de vida*”, em 1972, intencionando “elevar” as condições e o agrupamento da região do Maciel, conforme sinaliza Bacelar (1976):

A afluência de novos grupos para o Maciel, determinados pela característica cultural que vem assumindo todo o Pelourinho: artistas, estudantes, intelectuais, etc. Daí os novos empreendimentos como pensões, ateliers, bares e restaurantes, etc. É um novo Maciel que se afirma na sua integridade como componente dinâmico da estrutura do Pelourinho<sup>10</sup>.

É evidente que a restauração possibilitou a circulação de um novo público que não se interessava pela prostituição pobre, ocasionando o empobrecimento do baixo meretrício, levando à dispersão “voluntária” para outras zonas da cidade, conforme se pretende convencer no relatório do *Projeto Pelourinho* em 1972, ao afirmar:

Sem medidas compulsórias, sem violência, o número de prostitutas na área diminuiu significativamente. [...] A quebra do cerco, do isolamento em que vivia o Maciel provocou mudanças na ambiência divergente, o que determinou o afastamento da prostituição para outras áreas, vez que, ela não podia viver fora do sistema que a cria e mantém [...] É o Maciel que se transforma assumindo nova ambiência, com a presença de grupos pobres, entretanto, com nova mentalidade e espírito comunitário<sup>11</sup>.

Uma breve estatística trazida no relatório, no ano de 1969, informa que havia na região cerca de 449 prostitutas, contudo, em 1973 restavam 215. Isso nos diz sobre as estratégias de apagamento das trabalhadoras sexuais, criadas pelos órgãos governamentais da Bahia ao longo do período analisado. Os números testemunham que a diminuição quantitativa, associada a outros elementos sociais do projeto, retiraram a estigma do Maciel, bem como possibilitou a “regeneração” da região, propiciando um “espírito comunitário”, dando a entender que sua existência contribuía para um ambiente insalubre de acordo com as impressões do projeto.

9. BACELAR, Jeferson A. **A família da Prostituta**. São Paulo: Ática; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982, p. 57.

10. BACELAR, Jeferson A. **Projeto Pelourinho: um projeto de vida**. Salvador: Secretaria de Educação e Cultura, Fundação do Patrimônio e Cultural da Bahia, Coordenação de Planejamento e Pesquisas Sociais, 1976, p. 20.

11. Id. *Ibid.*, p. 19.

## 2 | MODERANDO A SEXUALIDADE

Ao pensar os diversos artifícios de controle sexual que percorreram a história da humanidade, sobretudo o rigor canalizado ao cotidiano da prostituição, encontrei na obra de Jeffrey Richards, *Sexo, Desvio e Danação: as minorias da Idade Média (1993)*<sup>12</sup>, ensaios que se propõem a compreensão do universo dos judeus, homossexuais, leprosos, bruxos, prostitutas, entre outros. Ainda que esses grupos não fossem minoria no sentido populacional, o autor convida a uma análise do contexto em que esses sujeitos estão inseridos, pensando a negação de direitos e a resistência aos diversos aparatos de perseguição direcionados a essas comunidades.

Por esse ângulo, não seria diferente com as prostitutas, compreendidas pela igreja católica medieval e governantes como “mal necessário”, sendo alvo de perseguição e sanções que limitavam, mas não se interessava pela extinção do comércio sexual, no máximo as dispersavam para localidades “fora dos muros da cidade”<sup>13</sup>. *A trabalhadora sexual*, nesse contexto e ao longo da história, teve a sua presença associada à desordem pública, sendo segregadas não apenas por julgamentos morais, mas por adereços que as distinguiam esteticamente das “moças de família”.

Em muitos lugares, a *aiguillette*, uma corda com nós pendente do ombro e de cor diferente da do vestido, era a marca da infâmia. [...] Em Toulouse era um nó branco; em Viena, um lenço amarelo; em Leipzig, uma capa amarela com adornos azuis; em Berna e Zurique, um chapéu vermelho; em Dijon e Avignon, uma braçadeira branca e de quatro dedos de largura. Em Milão, era uma capa branca; em Bérnago, uma capa amarela, em Marselha, uma túnica listrada; em Bristol, um capuz listrado [...] <sup>14</sup>

Esses instrumentos de controle da sexualidade e distinção da conduta moral associados às vestes foram um dispositivo utilizado por dirigentes e legitimado pelo clero no cenário medieval. Na pesquisa de Margareth Rago (1991), que remonta ao final do século XIX e início do XX na cidade de São Paulo, foi possível encontrar elementos do controle da sexualidade baseados nas vestimentas, ao relacionar o uso de roupas comportadas à imagem da decência e pureza. Ainda que nesse contexto não se recorresse ao estabelecimento de cores ou a utilização de adereços específicos, havia a intenção de reforçar um abismo entre as “mundanas” e as “moças honestas”, similar ao período medieval<sup>15</sup>.

[...] É verdade que essa preocupação com o traje feminino crescia na opinião pública, e não apenas em relação às meretrizes. Estamos entrando numa época em que as mulheres passavam a valorizar mais fortemente a elegância, a sofisticação visual, a atração que podiam exercer pela aparência e em que

12. RICHARDS. Jeffrey. **Sexo desvio e danação**: as minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

13. Id. *ibid.*, p.78

14. Id. *ibid.*, p. 124.

15. RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 20.

várias vezes se levantavam em favor da decência e da moralidade. A roupa se transformava num sistema semiótico e a preocupação em definir claramente a diferença entre as “honestas” e as “mulheres de vida airada” ficava mais premente<sup>16</sup>.

O entendimento do vestuário como uma expressão do recato é um juízo que se renovou ao longo da história, mas permaneceu como uma herança desse “antigo” imaginário, pois é constante nos registros policiais da Delegacia de Jogos e Costumes tais objeções. Tanto assim que a motivação da prisão de Maria das Graças Alves Ferreira, de 20 anos levada no Terreiro de Jesus<sup>17</sup>, foi sob o “motivo da referida estar em trajés menores”, precisando então ser “detida pela guarnição<sup>18</sup>”.

Os “trajés menores” que ocasionaram a prisão de Maria das Graças, mas também de Claudete, por estar de “calcinha” no Mercado Modelo<sup>19</sup>, conduz a interpretação de que as vestimentas usadas por elas eram reservadas ao espaço privado, ao se tratar de peça íntima, e por expor o corpo feminino, comportamento que não era condizente com a conduta da “mulher decente”.

Essa inibição da sexualidade e dos corpos era motivada pelas peças de roupas, pela condição de ser mulher e, sobretudo, pela não liberdade de circular em uma “zona” que deixava a decência de qualquer moça em dúvida. Pois, transitar na região do Maciel, na segunda metade do século XX, colocava as mulheres em condição de potenciais “decaídas”, precisando em algumas situações de “bem feitores” para atestar a sua decência e legitimar sua passagem, conforme Espinheira (1984):

... uma mulher ser encontrada desacompanhada na rua a identifica como prostituta, vez que esse não é um costume das chamadas *moças de família*. A presença de seus homens impede, pelo menos, a acusação de estarem desacompanhas em atitudes “suspeitas”.<sup>20</sup>

Situação similar ocorreu com Maria:

Residente a rua 28 de Setembro n° 04, empregada do Sr. Jorge E. Britto, que aqui esteve justificando o motivo da mesma passar pela Zona Proibida. Feito as explicações as medidas tomadas pela Especializada, nesta zona pôs-se liberdade a referida empregada.<sup>21</sup>

A instituição policial revela ser uma entidade que baseava suas ações, na representação social da prostituta, alicerçadas na imagem da mulher “decaída” construída socialmente, e que precisa ter sua sexualidade reprimida, colocando enquanto suspeita toda iniciativa feminina que divergisse do imaginário de “moça de família”. Ainda que essa

16. Id. *ibid.*, p. 140.

17. Localidade integrante do Centro Histórico de Salvador que compreendia a zona de prostituição pobre mais famosa do período estudado, o Maciel de Baixo, de Cima e áreas adjacentes.

18. Delegacia Especializada Jogos e Costumes. Livro de ocorrências 08/04/78-02/12/78. cx. 45, p. 8.

19. Delegacia Especializada de Jogos e Costumes. Livro de ocorrências 08/04/1978 - 02/12/1978, cx. 45, ocorrência 219, p. 59.

20. ESPINHEIRA, Op. cit., p. 49.

21. Delegacia Especializada Jogos e Costumes. Livro de ocorrências 14/09/1959-24/05/1960, cx. 14, p. 1 (verso).

não estivesse apresentada inicialmente na ocorrência como “dissimulada” ou “mundana”, características imputadas enquanto atributos naturais das “mariposas”, Maria permaneceu presa, a fim de que se averiguassem a sua conduta sexual.

De qualquer modo, Maria precisou de um homem para atestar ser ela uma prestadora de serviço doméstico. Não muito divergente do modo de pensar do primeiro quartel do século, o qual entendia enquanto mulher caída em desgraça toda “dona de casa, que tentava escapar da miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o pejo de ‘mulher pública’”<sup>22</sup>. Nesse sentido, a condição de trabalhadora, fosse empregada doméstica, lavadeira, gari, entre outras profissões, não eliminava a possibilidade dessas laboriosas serem classificadas como “rameira”. Essa condição de trabalhadora também as excluía do *hall* das “recatadas”, ficando evidente na ocorrência que a liberdade de Maria foi intermediada pelo testemunho de um homem, caso contrário, ela permaneceria encarcerada na condição de prostituta.

Fosse Maria uma meretriz, estaria ela proibida na “zona” região da cidade onde teoricamente o trânsito sexual era algo permitido. Isso posto, os rastros induzem a ponderar que a tolerância do mercado prostitucional estava mais próxima dos espaços privados, os castelos, boates, os *hostels*, pois, no âmbito público, qualquer indício de desregramento sexual feminino era reprimido pelos agentes.

A manutenção da ordem e moral não era feita com a mesma energia quando as importunadas eram as moradoras do Maciel que, no caso analisado, não indicava ser a vítima uma meretriz, ainda que a condição de prostituta não possibilitasse legalidade para tais violações. Um bom exemplo é o do soldado da Base Aérea, Walter Gonçalves, que foi conduzido à delegacia após tentar manter relações sexuais forçadas com uma moradora da “zona proibida”, sendo liberado após “esclarecimentos”.

[...] Quando rondava a Zona Proibida, acompanhado do Dr. Delegado e mais 2 soldados, fomos chamados a intervir, numa casa à rua Inácio Acioli (ladeira do Mijo), onde um soldado do Base Aérea, Walter Gonçalves Araújo agredia uma decaída, querendo forçá-la a praticar a copula carnal. Chegando ao posto, dado o esclarecimento deixou-se livre o citado militar.<sup>23</sup>

Essas ações demonstram um comportamento repressivo institucionalizado direcionado às possíveis e/ou prostitutas pobres que por essa condição se tornavam vulneráveis. Nos registros não foram encontrados queixa da vítima, nem informações do “esclarecimento” dado pelo soldado agressor. Ficando evidente uma rede de proteção entre as autoridades, sejam elas de alta ou baixa patente. Ainda que em nenhum momento da ocorrência a mulher estivesse identificada como profissional do sexo, o que de qualquer forma não justificaria o atentado empreendido por Walter, o caso descortina o modo de pensar e agir de uma sociedade que acreditava ter permissão sobre os corpos não somente

22. FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 516.

23. Delegacia Especializada de Jogos e Costumes. Livro de ocorrências 14/09/1959- 24/05/1960- cx.14, ocorrência s/n, p.8.

das “mariposas”, mas de todas que habitam aquela região, pois a sua condição de mulher pobre a deixava suscetível aos diferentes aparatos de poder e abuso.

De acordo com Rago (1991), a representação social da prostituição do baixo meretrício como um lugar de “mangue”, “lodo”, revela a intenção social de retirar a humanidade das mulheres pobres, em sua grande maioria negras que viviam do comércio sexual e, desse modo, legitimar ações de violência, seja das forças públicas ou dos frequentadores desses espaços interessados em:

[...] observar que o baixo meretrício é sempre constituído pela literatura, ou pela documentação em geral, como território do prazer delirante, embora ao mesmo tempo como região fronteira com a morte, através das metáforas do “lodo”, “charco”, “esgoto”, que exprimem a decomposição orgânica dos elementos vivos. Acredito que a violenta carga de estigmatização lançada sobre o baixo meretrício por um pensamento tão conservador acabou por reforçar a ideia de que as autoridades públicas e policiais deveriam ser mais severas com esses setores. [...]”<sup>24</sup>

Os modos de controle do desejo sejam eles a imposição do uso de roupas com cores específicas no medievo ou os encarceramentos ainda que remotos na primeira metade do século XX com as Delegacias de Jogos e Costumes ao implicar com os “trajes menores” das meretrizes, representam tentativas de moderação, interessadas em limitar o trânsito dessas mulheres em momentos e localidades que fossem compreendidos como inadequados. A respeito disso, Sizaltina Ribeiro, segundo as anotações policiais, foi encarcerada por “desfilar” em frente à Igreja São Francisco, no momento solene de uma formatura. “Às 19hs foi detida a decaída Sizaltina Ribeiro quando desfilava em frente à Igreja de São Francisco em plena formatura do Bacharelado”<sup>25</sup>.

Afinal, foi o vestuário ou comportamento de Sizaltina que levou as autoridades a descreverem como “decaída” e a conduzirem à prisão, haja vista não ter sido apresentado relatos que pervertessem a ordem pública. Ora, não era necessário um comportamento mais incisivo das mulheres para que fossem taxadas de “decaídas” moralmente se pensarmos as características presentes nas ocorrências nos momentos das prisões. Bastava usar um estilo de roupa ou maquiagem, comportar-se livremente, falar determinadas palavras dirigir-se aos homens em pé de igualdade, frequentar locais públicos a qualquer hora do dia, transitar em espaços designados à prostituição, dentre outros, para que ocupasse no imaginário social um padrão divergente da “mulher honesta”.

A sociedade, através da força policial, a todo o tempo tentava “higienizar” a cidade do comércio sexual. A contradição se expressava quando a ação se dava nos espaços liberados para a prostituição, o que resultava na dispersão das ‘mariposas’ para áreas da cidade em que o comércio sexual não era tolerado, a exemplo do Cais do Porto.

24. RAGO, Op, cit., p. 245.

25. Delegacia Especializada Jogos e Costumes. Livro de ocorrências 14/09/1959 - 24/05/1960, cx.14, ocorrência s/n, p.2.

As 11:30 foram revistadas e recolhidas ao xadrez as detidas Maria do Carmo Souza, 20 anos, residente na Ladeira da Conceição nº31 Marlene Silva Nascimento, 21 anos residente também na Ladeira da Conceição 31. As mesmas estavam fazendo vida no Cais do Porto, Comércio. Ficando as referidas à disposição do chefe S.V.I. Sr. Clovis Bonfim<sup>26</sup>.

Diante das iniciativas policiais de “higienização”, a dispersão da prostituição da “zona” de forma direta incentivava a prática do *trottoir*, modalidade que ofertava o sexo em qualquer esquina da cidade, por vezes em áreas da capital não toleradas, desencadeando assim a repressão institucionalizada e a violência dos clientes que se sentiam mais legitimados a terem comportamentos abusivos por estarem ambos distante da comunidade a qual a prostituta fazia parte.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa produção estimulou a reflexão acerca das (re)existências das prostitutas do baixo meretrício na cidade de Salvador. Ao investigar os interesses por detrás das representações das trabalhadoras sexuais, se propondo entender a dominação e o controle social, ao mesmo tempo em que deseja compreender a humanidade dessas mulheres e os mecanismos de insurgências e permanências no território em reforma e higienização social.

Nesse sentido, a sociedade soteropolitana controlava o comércio sexual, recorrendo a estratégias, como uso da força física e o encarceramento, associado a uma representação social que lhes atribuíam características pejorativas, tanto às prostitutas quanto aos frequentadores do meretrício, dos bares, dentre outros serviços oferecidos na região da “zona”.

Tais elementos intencionavam associar a prostituição pobre ao espaço de “lodo”, “sujeira”, onde as doenças e a imoralidade faziam morada. Reforçando, desse modo, a situação de vulnerabilidade e marginalidade da trabalhadora sexual, pois robusteciam a imagem da mulher degenerada, embriagada e raivosa, legitimando abusos de diversas maneiras por parte da sociedade e suas instituições responsáveis pela manutenção da ordem e moralidade.

Com isso, esse estudo das representações das trabalhadoras do sexo não foi esgotado em suas possibilidades de problematizações, pois a concepção de prostituta vem se modificando conforme as visões sociais, econômicas, políticas, conjunturais e religiosas. Dessa forma, conduzi meu olhar para um caminho que propõe evocar as “mariposas” do baixo meretrício enquanto protagonistas de suas histórias, distanciando suas trajetórias do imaginário social e/ou de uma perspectiva marginalizada, interessada em apagar sua condição de mulher.

---

26. Delegacia Especializada Jogos e Costumes. Livro ocorrências (feminino) 03/02/1978 - 15/02/1980, cx. 45, p.50 (verso).

## FINANCIADORES



SECRETARIA  
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



## FONTES

### Sede da Pastoral da Mulher Marginalizada – Relatórios

PMM. **Pesquisa sobre a condição de vida dos moradores do Maciel.** Salvador, junho de 1982.

BACELAR, Jeferson Afonso. **Projeto Pelourinho:** Um projeto de vida. Salvador: Secretaria de Educação e Cultura, Fundação do Patrimônio e Cultural da Bahia, Coordenação de Planejamento e Pesquisas Sociais. 1976.

### Arquivo Público do Estado da Bahia (APEBA) - Delegacia Especializada de Jogos e Costumes

Livro de Ocorrências- 14/09/1959 - 24/05/1960, cx. 14.

Livro de Ocorrências (Posto feminino)- 08/04/1978- 02/12/1978, cx. 45.

Livro de Ocorrências (Posto feminino)- 03/12/1978- 15/02/1980, cx. 45.

## REFERÊNCIAS

BACELAR, Jeferson. **A família da prostituta.** São Paulo: Ática; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

ESPINHEIRA, Gey. **Divergência e Prostituição:** uma análise sociológica da Comunidade do Maciel. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

ESPINHEIRA, Gey. **Comunidade do Maciel.** Salvador: Secretaria de Educação e Cultura. Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, 1971.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1984, v. 1.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del. (org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2017.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta:** a história da mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

PRADA, Monique. **Putafeminista.** São Paulo: Veneta, 2018. (Coleção Baderna).

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite:** prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo, 1890- 1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo desvio e danação**: as minorias na Idade Média. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1933.

SOIBET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10ed. São Paulo: Contexto, 2017.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Afeto 116

Américas 88, 189, 254, 259, 266

Arquitetura 14, 16, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 74, 152, 154, 160, 201, 202, 203, 205, 206, 210

Arte Brasileira 12

Arte Conceitual 12, 14, 16, 18

Arte Contemporânea 12, 14, 16, 17

Avaliação 19, 20, 21, 22, 25, 26, 67, 94

### C

Cartografia Histórica 59, 61, 62, 72

Charles Darwin 147, 148, 159, 160, 161, 162, 163

Ciência Medieval 211, 212

Conflitos 92, 93, 95, 96, 113, 134, 145, 255, 259, 260, 264

Continuísmo 211

Contradição 1, 3, 4, 5, 11, 31, 126, 185

Cultura Material 101, 103, 104, 105, 114, 291

### D

*Deleuze* 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Demarcação 30, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 169

Down House 147, 148, 149, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163

### E

Ecletismo 47, 48, 49, 50, 51

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 20, 26, 28, 35, 37, 38, 56, 130, 133, 142, 144, 145, 165, 166, 167, 176, 181, 187, 213, 244, 257, 317

### F

Filosofia 5, 8, 36, 37, 75, 116, 129, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Filosofia Natural 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219

### H

*Hardware* 199, 207, 208

História 8, 12, 19, 20, 26, 28, 38, 57, 59, 74, 75, 92, 93, 99, 101, 114, 116, 130, 131, 132,

144, 145, 146, 153, 160, 162, 163, 176, 178, 184, 187, 188, 189, 199, 209, 211, 212, 213, 214, 217, 219, 220, 232, 234, 235, 236, 238, 241, 245, 246, 252, 266, 267, 317

História Ambiental 59

História da Ciência 211

História da Computação 199

História da Educação 10, 28

História Indígena 130, 132, 145

Historiografia 29, 132, 153, 211, 212, 214, 219, 220, 221, 234, 238, 255

Humanismo 1

## I

Idade Média 182, 188, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 220, 224, 225, 228, 236, 246, 248, 249, 250

Identidade 49, 57, 101, 102, 103, 104, 105, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 138, 144, 145, 147, 149, 151, 152, 154, 155, 161, 162, 190, 213, 223, 238, 242, 257, 259, 265, 266, 267

Imigração Italiana 101, 103, 107, 114

Imprensa 28, 29, 39, 40, 43, 69, 176, 221, 230, 254, 255, 256, 257, 258, 266

Interdisciplinaridade 12, 19, 21, 22, 25, 26, 153, 165, 166

## J

José de Alencar 189, 194, 195

Justiça Ecológica 77

## L

Linguagem 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 56, 57, 189, 190, 191, 192, 195, 196, 198, 204, 205, 206, 209, 252, 256

Literatura 13, 14, 123, 133, 136, 137, 185, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 217, 236, 241, 251

Lógica Difusa 19, 22, 23, 24, 25

## M

Mata Atlântica 59, 74

Memória 37, 49, 57, 101, 103, 104, 105, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 127, 139, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 202, 203, 204, 207, 208, 238, 317

## N

Natureza 12, 14, 15, 17, 34, 59, 74, 117, 118, 119, 120, 126, 129, 141, 148, 168, 189, 190,

191, 192, 193, 197, 198, 213, 214, 215, 217, 218, 264

## **P**

Paisagem Histórica 59

Paulo Freire 1, 2, 5, 7, 8, 11

Plataforma Sucupira 20, 21, 25, 26

Poder 3, 5, 6, 11, 17, 36, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 49, 64, 66, 69, 74, 77, 79, 80, 82, 86, 87, 96, 97, 98, 99, 105, 113, 117, 120, 151, 152, 168, 180, 185, 201, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 256, 257, 261, 266, 270, 271, 281, 282, 291, 292, 294, 304, 305, 311, 313, 315

Programas de Pós-Graduação 19, 20, 21, 24, 25

Propaganda 28, 30, 39, 40, 41, 42, 43, 45

## **Q**

*Queenship* 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231

## **R**

Rainhas 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

Realeza 153, 166, 220, 227, 228, 246

Realidade 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 22, 35, 42, 43, 97, 98, 119, 126, 127, 134, 146, 154, 155, 180, 191, 192, 203, 205, 223, 228, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 257, 261, 264

## **S**

*SAT* 232, 236, 237, 238, 239, 240

Saúde Mental 77

Sociedade 5, 6, 9, 10, 11, 16, 20, 21, 24, 29, 34, 45, 46, 49, 60, 75, 92, 104, 107, 111, 117, 119, 132, 137, 144, 146, 151, 152, 154, 178, 184, 185, 186, 192, 193, 198, 235, 236, 241, 242, 244, 251, 256, 257, 263, 265

*Software* 62, 199, 202, 206, 207, 208

## **T**

Tempo 8, 10, 13, 15, 34, 35, 52, 53, 55, 56, 59, 72, 75, 97, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 136, 137, 140, 145, 150, 155, 157, 160, 168, 170, 175, 185, 186, 187, 190, 195, 204, 206, 210, 213, 217, 222, 225, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 238, 240, 249, 250, 260, 261, 262, 264

Terras Indígenas 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 143, 144, 145

Testemunho 77, 184

## **U**

Urbanismo 307, 308

## V

*Vedānta* 232, 233, 236, 240

# História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)